



Dom Luciano José Cabral Duarte¹

Ana Maria Fonseca Medina²

Senhoras e Senhores:

Como um pintor neófito que debuxa na tela virgem aspectos de uma paisagem escondidos nas dobras da alma, procurarei traçar um breve perfil do intelectual Luciano Duarte. Talvez o exagero da metáfora me induza a cometer erro. A vida densa de um homem que dominou diversos ramos do conhecimento e que esteve sempre acima do seu tempo não se encerra na geometria de um quadrado.

A proximidade do meu clã ao seu concedeu-me o direito de ter acompanhado, desde a minha infância, a sua trajetória, seja de forma presencial, seja pela ótica de Célia e Joca Duarte, seus pais, irmãos de afeto dos meus.

O menino Luciano José fez os estudos elementares com a professora Zizi Cabral, na Escola de Aprendizes Artífices de Sergipe. Foram três anos de muita sintonia com a mestra, literalmente tia, irmã de Célia, sua mãe. Concluiu o curso primário nessa escola, sob a regência da famosa professora Leyda Regis.

Luciano José Cabral Duarte nasceu a 21 de janeiro de 1925, em Aracaju, filho de José de Góes Duarte e Célia Cabral Duarte.

Nos primeiros anos da adolescência é tocado pela chama da vocação sacerdotal, momento saudado em versos pelo pai poeta:

Onze anos, apenas. Tão criança,
Ingressaste nas hostes de Jesus...
No coração em flor, - quanta esperança!
Quanta alegria n'alma, quanta luz!

A constatação dessa luz que brotou do seu coração infantil, registrada no soneto do pai ilustre, materializou-se no exemplar desempenho do seminarista, sempre o mais inteligente na busca de se dedicar à causa da fé.

1 Palestra proferida no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, no dia 29 de janeiro de 1915.

2 Membro da Academia Sergipana de Letras.



Aqui, ocorre-me lembrar a célebre frase do padre Rodinei Carlos Thomazella: “Busco uma estrada para encaminhar meu sonho, encontro um caminho para conduzir minhas pegadas”

O caminho se descortinou. A vocação para a messe era o sonho, o Seminário o caminho. Em 15 de fevereiro de 1936, ingressa no Seminário Menor de Aracaju, casa formadora de padres, fruto do trabalho ardoroso de Dom José Tomás Gomes da Silva, primeiro bispo de Sergipe, que a criou em 1913.

Proveniente de um lar harmônico, de pessoas ligadas à cultura como os tios Passos Cabral, a tia Zizi, o pai poeta, frequentador da Hora Literária que vicejava no Outeiro de Santo Antônio, onde esplendiam nomes como Garcia Rosa, José da Silva Ribeiro, o menino acostumara-se aos floreios da inteligência.

O espírito ativo e competitivo sabia mesclar seus doces anos da infância com o futebol de botão que lhe enchia as horas vagas; apreciava também o futebol de campo, com uma paixão que o fazia vibrar a cada *gol* do seu time preferido. Certamente, no Seminário foi uma das diversões preferidas, mas a leitura era o prazer maior.

Convencido da vocação que escolhera, a partida da casa paterna não foi traumatizante. O chamado era algo que iluminava as franjas da sua alma de criança piedosa.

José de Góes Duarte, o pai, era telegrafista e servia em São Cristóvão, fato que oportunizou a Luciano sentir a religiosidade que emanava de velhos templos barrocos da capital de Sergipe d’el Rei e privar da amizade de Frei Pascásio que, delicadamente, o levava a acolitar a liturgia eucarística, despertando-lhe o desejo de ser padre.

Ouvia, frequentemente, do progenitor que só deveria continuar no Seminário até o dia que quisesse, e que não ficasse constrangido se resolvesse sair. Essa liberdade sugerida pela família valorizava muito mais a sua vocação.

Antônio Machado, poeta espanhol, em belos versos diz: “Caminhantes, não há caminhos. O caminho faz-se ao andar”...

O caminho percorrido, com a contrição de peregrino que busca atrelar as suas pegadas ao ideal de encontrar Deus, fê-lo padre.

Jovem, pleno de entusiasmo e de cultura erudita, Luciano Duarte, o padre da motocicleta, logo descobre caminhos. O jornalismo é um deles.

Inicia-se no jornal A Cruzada e não tarda a se tornar seu diretor. Este jornal foi também uma das criações importantes de Dom José. Por meio dele, a doutrina da fé católica era ensinada e propagada para todas as paróquias.

Combativo e comprometido com os anseios de perpetuação dos católicos no seio da sua Igreja, o jornal saía semanalmente. Cultura, instrução e fé formavam o trinômio que regulava os pilares do periódico católico.

Vários intelectuais fizeram a alegria dos apreciadores da boa crônica, do bom artigo, a exemplo de Carmelita Fontes, que escrevia sob o pseudônimo de Gratia Montal, padre José Soares, Mário Cabral, Manoel Cabral Machado, João Oliva, ele próprio e muitos outros.

Este jovem que ingressa no jornalismo pelas imposições advindas da sua carreira clerical alarga o horizonte e ganha espaço nos melhores periódicos nacionais, tais como a revista Manchete, O Cruzeiro, a Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, entre outros. Seu nome, como enviado especial da Revista O Cruzeiro (1961-1962) para a cobertura do Concílio Vaticano II, ganhou destaque na imprensa internacional.

Só um intelectual com o seu conhecimento teológico de doutrina e liturgia católicas poderia avançar em tão nobre e profícua missão. Poliglota, não teve qualquer problema para entender a pluralidade de culturas que se aglomerava nos hieráticos salões do Vaticano, por ocasião do Concílio Vaticano II.

A cobertura do grande evento do século XX para a Igreja Católica abriu horizontes muito largos para o então Monsenhor Luciano Duarte e o colocou como um dos mais festejados repórteres do Brasil daquela segunda metade do século XX.

Também marcante foi a atuação jornalística foi também no Congresso Eucarístico de Bombaim, durante o pontificado de Paulo VI.

Retomemos o caminho do pastor

Convencido da missão evangelizadora, por ele mesmo declarada, disse: “Eu me fiz padre para me dar a Deus – e me dar a vocês”.

Com a idade que teria Cristo, 33 anos, recebe o múnus de guiar a Juventude Universitária Católica de Sergipe e a ela dedicou o melhor dos seus verdes anos, irmanando-se com todos e fazendo-os descobrir a importância de saber conviver fé e razão.

O Papa Francisco diz que “o título de Pastor inclui o de Mestre que alimenta o seu rebanho ensinando-lhe o caminho verdadeiro da vida e corrigindo-o nos seus erros. O Bom Mestre (cf. Mt 19, 16) não ensina a distância, a partir da cátedra, mas com quem pastoreia.” (p.144 Bergolio, Jorge María).

Dessa forma pensava o nosso biografado.

Era a JUC (Juventude Estudantil Católica) a sua pastoral maior. Líder nato, de palavra eloquente e didática, arejou a Igreja militante com encontros de reflexão e diálogo, derrubando velhos tabus e brandindo a flâmula da esperança, virtude teologal, tão expressiva e presente em seu ardor juvenil, assim ia perseguindo seu ideal. Influenciado pelo pensamento de alguns convertidos franceses, como Claudel, Bergson, Charles Péguy,

Maritain, Léon Blois, semeava na *jeunesse* da sua terra mãe aquela mesma semente que encontrara em Chartres: a devoção a Nossa Senhora. A peregrinação a Divina Pastora é fruto desse momento de graça.

Monsenhor Luciano Duarte tinha consciência de que, no seio da universidade, estava a seara do seu apostolado. Convivendo em Sorbonne, com pensadores e alguns até orientadores e membros da Ação Católica, não tardou a ver que urgia irradiar o Cristo (*Rayonner le Christ*), lema da JEC, que evoluiria para *faire réussir*, promover o êxito da Universidade.

Em 1912, *Charles Péguy* retomou o hábito de visitar em peregrinação o templo de *Chartres*, que fica a 160 km a sudeste de Paris. O ato processional partilhado pelo poeta francês foi um gesto de gratidão e de louvor a Nossa Senhora, orago de Chartres, que curara seu filho.

Charles Péguy, socialista ardente, polemista, um cristão convertido e cômico da missão que lhe pousara aos ombros, concebeu a sua obra literária como se fosse um apostolado. A poesia de Péguy, marcada pelo misticismo, encantava o jovem padre sergipano.

Cabral Duarte nos apresentava com entusiasmo o pensamento vigoroso desse intelectual de fé e, além dele, o de muitos outros dessa geração de pensadores.

O ardor missionário, inspirado na célebre peregrinação dos jovens franceses avChartres, motivou o padre Luciano a criar a peregrinação a Divina Pastora em agosto de 1958.

Procissão hoje tombada como patrimônio imaterial da gente sergipana pelo Conselho Estadual de Cultura, onde tive a honra de ser a relatora.

Biografia não é algo estanque, requer movimento, brinca de esconde-esconde nos labirintos da alma. Das sombras vão surgindo os lugares de memória tão bem qualificados por Pierre Nora. Com o fio de Ariadna, se percorrem trilhas que se escondem nas sombras, mas deixam um filete de luz que guiará o caminho e que transcende o tempo.

Retomemos a sua trajetória no seminário. Aqui, ousei repetir a frase de Lao Tsé, usada pelo padre Sebastião Heber ao escrever sobre Monsenhor Sadoc, “qual o retorno é o movimento do caminho”.

Os caminhos do meu biografado foram vastos, pontilhados de saberes e de códigos linguísticos que lhe abriram muitas janelas para o conhecimento.

Voltemos ao seu tempo de seminário.

Do Seminário de Aracaju, transfere-se para o Seminário Maior, de Olinda, em Pernambuco, onde por dois anos estudou Filosofia. A Filosofia desabrochou na sua alma com o viço natural dos dotados pela flama inebriante do pensamento que enriquecia a Acrópole de Atenas.

Após a Filosofia, serão quatro anos de Teologia (ciência sagrada, ciência de Deus), os Evangelhos, a Bíblia, Teologia Dogmática, Teologia Moral. Do professor de Filosofia, padre dr. Luís do Amaral Mousinho, o jovem seminarista guarda a lembrança de ter sido o mais eminente dos mestres daquela instituição formadora de sacerdotes, e, por outro lado, este mestre declarava que Luciano foi o seu melhor discípulo, sintonia nos moldes de Sócrates e Platão.

Concluído o curso em Olinda, em 1945, parte para São Leopoldo, no Rio Grande do Sul; tinha apenas vinte anos de idade.

Em sua opinião, o Seminário de São Leopoldo, dirigido por padres jesuítas, era o de melhor reputação no país em estudos de Teologia. Os jesuítas, no dizer do próprio Luciano Duarte, “eram o quartel-general intelectual da Igreja”.

A intenção do seminarista sergipano era fazer um curso em Roma, mas o mundo estava em guerra, que só acabou em 1945. Ficou em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, onde recebeu o subdiaconato.

Ao encerrar o curso com os jesuítas, recebeu o histórico escolar daqueles anos e a frase célebre em Latim: *Magnum cum laude*. Este boletim valioso prenunciava que o padre brilharia pelos caminhos que percorresse.

Na solidão dos pampas, enviava cartas amorosas aos pais. Para a genitora, escreveu uma oração da noite, em forma de poema; era a veia da sensibilidade própria dos aedos da família.

A última estrofe resume a ligação estreita do filho amado com a mãe terna e zelosa:

- Enquanto as águas seguem o seu fadário,
O coração saudoso lembra e sonha
A mãe que longe reza o seu rosário.

Em 18 de janeiro de 1948, é ordenado padre pelas mãos de Dom Fernando Gomes. No dia seguinte, faria a Missa Nova, isto é, celebraria a primeira missa na Igreja de São Salvador, templo histórico que, em 1860, recebera solenemente Dom Pedro II e sua esposa Dona Teresa Cristina para um solene *TE DEUM*.

Foi imediatamente nomeado capelão daquela igreja, uma vez que Dom Avelar Brandão Vilela fora nomeado bispo de Petrolina. Nesse espaço secular, o Padre Luciano deixou impregnada a memória de seus sermões iluminados.

O ilustre sacerdote sentiu que os seus horizontes deveriam transpor os limites geográficos da sua pátria e buscar no velho mundo a complementação da sua formação cultural.

A França, um sonho, a Sorbonne, uma realidade.

1954, um ano marcante em sua trajetória. Era 1º de setembro. Tomando o navio Charles Tellier, zarpa do Rio de Janeiro rumo ao sonho: Paris, a cidade luz. Não foi sem medo que o destemido padre enfrentou essa primeira longa viagem. Utiliza como epígrafe da página inicial do livro *Europa e Europeus* um pequeno trecho de *Albert Camus*, deixando transparecer o sentimento de dúvida diante desse rito de passagem:

O que faz o valor de uma viagem é o medo.

Longe dos nossos, da nossa língua, arrancados de todos os nossos apoios, privados de nossas máscaras, estamos inteiramente à superfície de nós mesmos.

Mas, por outro lado, é então que, sofrendo dentro d'alma, nós damos a cada ser, a cada objeto, seu valor de milagre.

156

Sua percepção era de que o professor não poderia se enclausurar numa cátedra engessada de informações, deveria ir mais longe buscar aperfeiçoamento, por meio de pesquisa e estudo. Essa constatação o levou à Sorbonne, no coração do *Quartier Latin*.

Declarou em entrevista que poderia ter cursado a Universidade Gregoriana em Roma, mas certamente, para trabalhar no meio universitário, uma universidade laica com o peso da Sorbonne seria mais produtivo. Com muito esforço, empenhou-se em aprender francês e com isso, lá mesmo, em Paris, conseguiu uma bolsa de estudos. Em Sorbonne, fez Filosofia Escolástica.

Dom Luciano disse em entrevista: “Paris é uma encruzilhada religiosa. Santo Inácio de Loyola estudou na Sorbonne, São Tomás de Aquino ali ensinou. E é também uma encruzilhada intelectual, uma encruzilhada de inteligências”.

É nesse ponto do caminho, nessa encruzilhada que Luciano Duarte mergulha com todas as forças da alma e da inteligência para se tornar à altura do espaço que elegera para se doutorar em Filosofia. E, para orgulho seu e dos sergipanos, obteve da Sorbonne a menção *Très Honorable*. A tese intitula-se *A Natureza da Inteligência no Tomismo e na Filosofia de Hume*, publicada pelo Instituto Dom Luciano e prefaciada pelo professor dr. Edmilson Menezes.

O retorno da Sorbonne foi um grande ganho para Sergipe. A intenção do padre doutor era servir a sua gente, embora houvesse surgido convite para atuar em São Paulo.

Reassume a direção da Faculdade Católica de Filosofia e a cátedra na Faculdade de Serviço Social. Retoma também a orientação da Juventude Universitária Católica e a direção do Apostolado Radiofônico.

Em 1959, inaugura a nova sede da FAFL, época em que funda o Ginásio de Aplicação.

Em 1968, a FAFL e o Colégio de Aplicação foram incorporados à recém-criada Universidade Federal de Sergipe, também um dos frutos do seu empenho pela causa da Educação no Estado.

O professor Luciano Duarte

O mestre lecionava Psicologia, Filosofia, Latim, Teologia. E aos sábados, aula de Conversação Francesa. Ali o seu *esprit definesse* afluía harmoniosamente. Às vezes, o texto estudado era uma letra das músicas de *Piaff*, que nos fazia cantar; outras eram as projeções de slides de monumentos franceses. Inesquecível era pensar e interpretar em francês com os textos de *Claudel*, entre eles, destaco a *Conversão*.

Nas outras disciplinas, como Teologia, Filosofia e Psicologia, sabia de forma muito inteligente e didática manter a turma atenta, porque traçava alusões com os problemas cotidianos, no âmbito social, político, religioso.

A Educação para ele era realmente uma paixão. Íntimo da palavra e da lógica, não se furtava de usá-las quando estava em jogo a defesa da sua verdade. Nas muitas salas de aula, a imagem do professor de didática impecável ganhava foros de universalidade. Gostava do debate caloroso, jamais abdicava de defender a doutrina cristã, fazendo o encantamento de alguns universitários provocadores que traziam como verdade única e inofismável o pensamento de *Marx, Engels, Nietzsche*. Do alto do seu sólido conhecimento filosófico rechaçava os neófitos no debate sem a menor cerimônia. Alguns petulantes ousavam mesmo desafiá-lo; nesse momento a aula crescia em adeptos, salas cheias sempre.

Portador de um humor fino e vivaz, dobrava muita gente. O jeito obstinado e convicto de defender suas verdades rendeu-lhe algumas inimizades. Superior a intrigas, dominava o seu *métier* e tinha razões de sobra para se colocar altaneiro em defesa do que cria.

A carreira eclesial se consolida, em 1966: o Papa Paulo VI o nomeia Bispo e Auxiliar de Aracaju. A sagração se deu em 2 de outubro de 1966, oficializada por Dom José Vicente Távora, tendo como consagrantes D. José Coutinho, bispo de Estância e D. José Brandão de Castro, bispo de Propriá. O presbítero assistente foi o amigo Monsenhor Olívio Teixeira, que havia assistido em Paris a sua defesa de tese.

Da carta de São Paulo a Timóteo escolheu o lema do seu brasão: “Estou seguro d’Aquele a quem dei minha adesão”. Nenhum lema poderia tão bem emoldurar a sua vida de dedicação e fidelidade irrestritas à Igreja,

Dom Távora, velho guerreiro nas hostes de Cristo, estava fragilizado, diabético, com problemas de coração, incompreendido pelo regime militar

que se implantara no país, fez do novo bispo auxiliar Luciano Duarte o interlocutor entre a Igreja e o Estado.

Na manhã de 3 de abril de 1970, faleceu Dom Távora, vitimado pelo terceiro enfarto. O Cabido Arquidiocesano elegeu Dom Luciano para Vigário Capitular. Um ano depois, 12 de fevereiro de 1971, o Papa Paulo VI o nomeia arcebispo metropolitano, através da Bula “*Cum Universae Ecclesiae*”. Recebeu o báculo arquiépiscopal das mãos do Núncio Apostólico, D. Humberto Mossoni.

Nessa época, precisamente um mês antes da sagração, havia sido eleito para a Assembleia Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), responsabilizando-se pelas pastorais de educação e catequese.

Esse foi um ano de muitas conquistas com a escolha para compor o Conselho Diretor Nacional do MEB, em seguida eleito presidente. As muitas funções advindas desses novos cargos levaram-no a renunciar a uma cadeira no Conselho Federal de Educação, ao qual voltaria dois anos depois para permanecer por seis anos.

Exerceu importante papel no CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano).

Dom Luciano, à frente da Arquidiocese, não se descuidou da ação social da Igreja. Como em tudo a que se dedicava, defendeu-a honradamente, abrindo oportunidades para refletir problemas sociais. Para ele, não há fé sem obras.

Trabalhou pelo direito das domésticas à cidadania, defendeu também direitos para as lavadeiras, que, orientadas pela Igreja, representada pela assistente social Teresinha Lemos, criaram sua própria associação.

A Escola João XXIII, o Bem-me-quer, a PRHOCASE são marcas dos passos do Pastor que impunha seu cajado na defesa das minorias. “A PRHOCASE, Promoção do Homem do Campo de Sergipe, segundo a biógrafa Gizelda Moraes, é a obra social por excelência de Dom Luciano em seu episcopado.”

No afã de construir o trabalho de promoção do homem do campo, Dom Luciano Duarte empenhou toda sua inteligência, força de trabalho, prestígio social.

Um fato que exemplifica esse seu empenho deu-se na célebre visita à Maçonaria, onde foi recebido com toda honraria que aquela instituição reserva aos ilustres. Após um caloroso discurso, fez-se o diálogo. Posteriormente, apresentando o projeto social de promoção do homem do campo e da necessidade da compra de uma fazenda comunitária, recebeu a aquiescência dos maçons, selando assim a reconciliação da Igreja com a centenária instituição maçônica.

No palácio episcopal, foi lavrada a escritura da terra e, em discurso emocionado, Dom Luciano contemplou a Maçonaria com duas diretorias na PRHOCASE.

As vocações sacerdotais receberam muita atenção do ilustre prelado, fazia campanhas, empenhava-se pessoalmente na motivação dos seminaristas para permanecerem fiéis à vocação recebida.

Segundo Manoel Cabral Machado, o serviço maior de Dom Luciano, como bispo, foi a renovação do Clero.

A Igreja estava em crise vocacional, fato que o preocupava, pois há muito tempo não se ordenava um padre em Sergipe. Em presença de Dona Conceição Ludovice, na Sacristia da Igreja São Salvador, redigiu a primorosa oração para as vocações sacerdotais. As preces e a motivação da sua palavra convincente surtiram efeito. Os segadores da messe brotavam dos muitos cantos do interior sergipano, graças aos trabalhos de recrutamento nas paróquias.

Fundou o Seminário Imaculada Conceição que começou em São Cristóvão, transferindo-se depois para Aracaju, no Bairro Lamarão.

Além do Seminário para a formação de sacerdotes, Dom Luciano apoiou as ordens religiosas a exemplo da Congregação de Santa Teresinha, criada pelo padre José Gumercindo; a fundação de um mosteiro em São Cristóvão para abrigar as religiosas beneditinas. Enfim a sua atuação na arquidiocese foi frutuosa.

A celebração da Paixão de Cristo em Sergipe sempre foi muito comemorada, iniciando-se com a tradicional Festa de Passos, hoje um patrimônio cultural dos sergipanos. Esse evento de religiosidade e de fé, introduzido em nosso Estado pelos franciscanos, há mais de duzentos anos, teve em Dom Luciano um entusiasta. Sua voz sonora silenciava a multidão que enchia a Praça São Francisco para ouvir o Sermão do Encontro ao lado do Palácio Imperial, atual Museu Histórico. A dramaticidade do ato e a solidez da palavra cheia de vida levavam a multidão ao pranto.

Dom Luciano seguia a tradição dos grandes oradores sacros do passado, Frei Santa Cecília, Dom Mário Vilas Boas que marcaram seu tempo nesse rito quaresmal da secular São Cristóvão.

O Arcebispo Emérito realizava no Estádio Lourival Batista, em Aracaju, na Sexta-feira Santa, o Sermão das Sete Palavras. O ato tinha uma feição cinematográfica. A ambiência de penumbra, o roteiro partilhado pelo povo orante, os penitentes em contrição, perseguindo a cruz, criava o clima para acolher o belo sermão. O orador eletrizava a multidão com a exegese do Evangelho da Sexta-Feira Santa. Na simbologia do numeral sete, descortinava-se aquele drama de um Deus que se fez homem e que morreu na cruz para salvar a humanidade.

Do estádio, partia a procissão pelas ruas até a Catedral. Não era apenas um ato penitencial, mas um diálogo da Igreja Militante com Cristo, que se fez homem e sofreu para nos redimir. O cenário era de uma plasticidade encantadora. O manto da noite vestia a paisagem, que recebia a

iluminação das bruxuleantes lamparinas. O cortejo trazia á frente a cruz processional e o Arcebispo conduzindo o seu rebanho, entre cânticos e orações, retomando o ar de mistério da noite histórica em que o Filho de Deus expirou na cruz.

Impossível traçar um perfil biográfico sem visitar os diversos caminhos percorridos pelo erudito mestre.

Diante de tão vasto currículo, pergunta-se:

Que legado Dom Luciano José Cabral Duarte deixa para a sua terra?

A resposta não se pode dar a vôo de pássaro. O amor à causa da Educação, o sólido saber erudito, o espírito da Doutrina Social da Igreja de que estavam impregnadas as suas ações, são elementos que fornecem dados para uma pesquisa da sua presença no cenário sergipano, mas ainda insuficientes para compor uma biografia.

O Instituto que leva o seu nome, criado pelo zelo de Carmen Duarte, é guardiã de um rico acervo catalogado e organizado, graças à cooperação de muitos professores universitários que se solidarizaram com a sua presidente e o fizeram espontaneamente. Temo citar nomes para não incorrer na indelicadeza da exclusão. Esta casa de memória pode ser uma importante aliada dos pesquisadores, para o estudo mais profundo da figura deste importante intelectual.

Dom Luciano José Cabral Duarte, Arcebispo Emérito de Aracaju, imortal da Academia Sergipana de Letras, laureado em Sorbonne, conferencista de nome internacional, integrante por muitos anos do Conselho Federal de Educação, portador de diversos títulos honoríficos, no Brasil e até na França, não se descuidou da memória do seu Estado e lega à cultura, num gesto visionário, o Museu de Arte Sacra de Sergipe, instalando-o no Convento São Francisco.

“O Museu é fruto de uma confluência de esforços, que procurou salvar, na década dos anos 70, o que ainda restava da floração artística religiosa do nosso Estado, as peças do referido Museu são uma janela que permite um olhar para o passado da expressão espiritual católica da arte em Sergipe”(…)

“A arte busca a verdade das coisas e sua beleza. A arte religiosa parte em procura dos rastros de Deus em seus santos, nos objetos de seu culto, na beleza espiritual que a imagem sensível tenta exprimir”. É com esta definição que ele faz a abertura do Catálogo do Museu de Arte Sacra de Sergipe.

No entanto, hoje, este relicário da arte sacra sergipana, fruto da sua sensibilidade e do seu sonho, ainda vive, mas agoniza, pede socorro para manter o título que alcançara com muito esforço, de um dos três melhores museus do Brasil.

A Rádio Cultura, criada em 21 de novembro de 1959, teve no então padre Luciano Duarte seu maior incentivador e primeiro diretor. As cele-

brações maiores do Ano Litúrgico são, até o presente, transmitidas pelas ondas dessa emissora, bem como a missa dominical da Igreja São Salvador, cujos sermões atraíam muita gente. Além dos programas de evangelização, a emissora educava os ouvintes para a música erudita.

Nos confins de Sergipe, em meio à seca inclemente do sertão, ou nas regiões ribeirinhas e praianas, a voz de Dom Luciano ganhava uma audiência impressionante.

A sua escrita é a marcada sua intelectualidade. O livro de estreia é *Europa ver e olhar*, cuja primeira edição saiu em 1960 (pela Livraria Regina); a segunda, em 1961, com o título *Europa e Europeus*, pela Editora Flamboyant, do Rio de Janeiro. Teve uma excelente aceitação pela crítica nacional. Gilberto Amado disse: “é um livro que se lê com encanto”. Luís da Câmara Cascudo deu sua opinião dizendo que em “*Europa, ver e olhar*, figuras e paisagens conhecidas aparecem renovadas pela vivacidade, transparência, graça serena de estilo, oportuno e claro”.

O crítico Mário Cabral, o intelectual Garcia Moreno, o padre Manoel Soares, articulista do Jornal A Tarde, da Bahia; Philippe Greffet, Secretário da Aliança Francesa, no Rio de Janeiro, Hélio Viana, do Jornal do Comércio, entre outros, elogiaram o trabalho elegante e bem-pensado do padre Luciano.

O título, como escrevi no prefácio da terceira edição, “reveste-se de um significado que adentra o domínio da Semântica -*Europa ver e olhar*. Ver é a mística do ato de apreciar, olhar é o processo. No ato de ver, percebe-se a sensibilidade, o alumbramento do peregrino de primeira viagem. O seu olhar detém-se nas particularidades, dando-lhe muitas leituras vestidas de significados. A decodificação das imagens que o maravilharam não são retidas *par lui-même*, como dizem os franceses, partilha com a sua gente e transforma o ato de ver e olhar num fato cultural”.

Fora de circulação, por estar esgotado há muito tempo, foi reeditado pelo Instituto Dom Luciano Duarte em 2010, retomando a capa e o título originais.

Em 1962, após uma viagem aos Estados Unidos, faz um relato de sua experiência na terra de Tio Sam que publica com o título *Viagem aos Estados Unidos*.

Em 1970, escreve sobre a Índia: *Índia a voo de Pássaro*.

Em 1971, publica *Estrada de Emaús*, um conjunto de crônicas e artigos coligidos por ele mesmo. Em 2010, o livro ganha uma nova capa e é relançado pelo Instituto Dom Luciano Duarte, com o patrocínio do Governo do Estado de Sergipe.

Estrada de Emaús não é um livro de catequese, mas, no âmago, percebe-se a intenção evangelizadora. A miscelânea de assuntos que adentram o domínio da arte, da vida e da teologia dão densidade e colorido ao ensaio. São trinta e cinco títulos que retratam bem o pensador engajado e fiel à sua Igreja. De forma professoral, encerra sua escrita, dizendo que o

“cristianismo total é o amor de Deus, primeiro e basilar, e o amor do homem, decorrência essencial do Senhor, sem o qual todas as palavras serão vãs, e todas as preces serão levadas pelo vento, como folhas secas”...

Em 1989, Carmen Cabral Duarte, legatária de todo o acervo do prelado, reuniu em livro as crônicas publicadas na Revista O Cruzeiro, por ocasião do Concílio Vaticano II, com o título *Concílio Vaticano II – Os novos caminhos da Cristandade*.

Em 2003, foi publicada a tese de doutorado: *A natureza da inteligência no Tomismo e na Filosofia de Hume*.

Em 2007, sai *Escritos Filosóficos: Sócrates, Kant e Bergson*,

Em 2008, é publicado o livro *Escritos sobre Educação e outros temas*.

Ainda em 2008, edita-se o opúsculo *Hungria 1963, registros de viagem*.

Publicou ainda: *Credo* e *O Banquete de Platão*.

Agora, por ocasião da efeméride de 90 anos, o Instituto Dom Luciano Duarte lança *Reflexões*.

Retomo, neste momento, a metáfora inicial do pintor e sua tela: e encerro a comunicação sobre Dom Luciano José Cabral Duarte, ciente dos vazios deixados na paisagem de tão vasto alcance.

Obrigada a todos pela presença.